

“O longo caminho até...”: uma pesquisa audiovisual participativa do cotidiano escolar do campo em Barbalha, Ceará



Maria Laís dos Santos Leite ^{1 2}, João Vitor da Silva ¹, Luiz Paulo Ribeiro ², Patrícia de Castro Sousa ¹,
 Geyciane Emanuelle Gomes Barros ¹

¹ Universidade Federal do Cariri - UFCA. Laboratório de Estudos em Políticas Públicas, Territorialidade e Diferenças-Uné. Avenida Tenente Raimundo Rocha n. 1639, Bairro Cidade Universitária. Juazeiro do Norte – CE, Brasil. ² Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social.

Autor para correspondência/Author for correspondence: mlaisleite@gmail.com

QR code for the documentary
The Long Way to... on YouTube:



RESUMO. O artigo apresenta o processo de criação do documentário "O Longo Caminho Até..." desenvolvido com o objetivo de registrar os desafios e potencialidades da educação para residentes em contextos rurais de Barbalha, na Região do Cariri cearense. A pesquisa qualitativa envolveu diferentes procedimentos metodológicos, dentre as quais destacamos a produção de um material audiovisual -ativamente co-construído com/para as(os) protagonistas de comunidades rurais do município. Entre os resultados, destaca-se a importância da interlocução entre universidade e território para a valorização da história e da cultura local, fortalecendo o vínculo das(os) participantes com suas raízes; a devolutiva positiva das comunidades, que reconheceram no documentário uma representação das dificuldades e que enfrentam e também dos saberes que mobilizam para enfrentá-las a inserção de recursos de acessibilidade fortalece o caráter inclusivo e democrático do registro. Conclui-se que o envolvimento das comunidades em todas as etapas da construção do produto audiovisual oportunizou a documentação de informações de maneira rica, sensível e dialógica.

Palavras-chave: educação do campo, documentário, Barbalha, Cariri cearense.

"THE LONG WAY TO...": a participatory audiovisual study of everyday rural school life in Barbalha, Ceará

QR code for the documentary
[The Long Way to... on YouTube](#):



ABSTRACT: The article presents the process of creating the documentary “O Longo Caminho Até...” (The Long Road to...), developed with the aim of recording the challenges and potential of education for residents in rural areas of Barbalha, in the Cariri region of Ceará. The qualitative research involved different methodological procedures, among which we highlight the production of audiovisual material - actively co-constructed with/for the protagonists of rural communities in the municipality. Among the results, we highlight the importance of dialogue between the university and the territory for the appreciation of local history and culture, strengthening the participants' connection with their roots; the positive feedback from the communities, who recognized in the documentary a representation of the difficulties they face and also of the knowledge they mobilize to face them; the inclusion of accessibility resources strengthens the inclusive and democratic character of the record. It is concluded that the involvement of the communities in all stages of the construction of the audiovisual product provided an opportunity to document information in a rich, sensitive, and dialogical manner.

Keywords: field education, documentary, Barbalha, Cariri cearense, potentialities

"EL LARGO CAMINO HACIA...": un estudio audiovisual participativo de la vida cotidiana escolar rural en Barbalha, Ceará

Código QR para el documental
[El Largo Camino Hacia...](#) en YouTube:



RESUMEN: El artículo presenta el proceso de creación del documental “O Longo Caminho Até...” (El largo camino hacia...), desarrollado con el objetivo de registrar los retos y potencialidades de la educación para los residentes en contextos rurales de Barbalha, en la región de Cariri, en Ceará. La investigación cualitativa involucró diferentes procedimientos metodológicos, entre los que destacamos la producción de material audiovisual, elaborado activamente con y para los protagonistas de las comunidades rurales del municipio. Entre los resultados, se destaca la importancia del diálogo entre la universidad y el territorio para la valorización de la historia y la cultura local, fortaleciendo el vínculo de los participantes con sus raíces; la respuesta positiva de las comunidades, que reconocieron en el documental una representación de las dificultades a las que se enfrentan y también de los conocimientos que movilizan para afrontarlas; la incorporación de recursos de accesibilidad refuerza el carácter inclusivo y democrático del registro. Se concluye que la participación de las comunidades en todas las etapas de la construcción del producto audiovisual permitió documentar la información de manera rica, sensible y dialógica.

Palabras clave: educación rural, cine documental, Barbalha, Cariri, Ceará, potencialidades.

Introdução

Em Barbalha, Região Metropolitana do Cariri Cearense, moradoras(es) dos distritos de Caldas e Arajara têm passado por diversos desafios no acesso aos serviços públicos em seus territórios, somados à dificuldade de acesso/mobilidade de algumas comunidades rurais à sede da cidade, o que acaba por privá-las de atividades e serviços – desde ir a uma consulta médica, realizar pagamentos, comprar medicamentos e alimentos que não produzem na comunidade, a atividades culturais, como assistir a um filme, fazer um curso etc., o que também não pode ser realizado de modo frequente nas próprias comunidades – e até mesmo ir à escola.

Em pesquisas desenvolvidas em diversas comunidades rurais do município, Leite (2016, 2022) identificou que a distância da sede do município e a precariedade do ônibus escolar oferecido pela Prefeitura – e outros serviços de transporte coletivo – foram apontadas como as principais justificativas para o abandono escolar pelas crianças e jovens. Na quase totalidade das famílias visitadas na pesquisa, havia jovens entre 18 e 25 anos que deixaram de estudar e poucos foram as/os que concluíram o ensino médio.

Situação semelhante foi vista em 2022, em que famílias de crianças do Distrito do Caldas denunciaram à mídia que as crianças haviam passado 90 dias sem aula por dificuldade de infraestrutura nas ruas, que de modo direto impactaram o uso do transporte escolar. Em outras comunidades do Distrito Arajara, pessoas responsáveis pelas crianças movimentaram o grupo de um aplicativo de troca instantânea de mensagens porque o ônibus escolar não estava indo a algumas comunidades, e as mães ou avós já sobrecarregadas e acumulando iniquidades precisavam andar cerca de 30min para deixar suas crianças no local de passagem do transporte escolar e buscá-las(os) à mesma distância sob uma temperatura média de 34º e que pode chegar a 40º nos meses de setembro a dezembro.

Em 2022, fomos procurados por uma liderança local, que notificou sobre o fechamento de uma escola rural no Distrito do Caldas, o que impactava as crianças que estudavam no local e suas famílias, bem como a memória daquela comunidade, que já contava com poucos equipamentos públicos.

Compreendemos que os desafios enfrentados pelas famílias rurais barbalhenses em relação ao acesso à escola para suas(seus) filhas(os) desvela um contexto mais amplo de exclusão vivenciado pelas(os) habitantes de zona rural no Brasil que tem(os) oportunidades

desiguais de acesso a bens sociais, culturais e econômicos, quando comparados às(aos) habitantes das áreas urbanas.

A pouca oportunidade de utilizar os serviços públicos – relacionada diretamente na efetivação de direitos sociais – se dá inclusive nas desigualdades de acesso a bens sociais, culturais e econômicos entre as áreas urbanas e rurais. Ressalta-se ainda que a escola, muitas vezes, é o único lugar de convívio e socialização fora da família (Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, 2021).

A exclusão escolar continua sendo um obstáculo em nosso país – e por isto, um relevante objeto de estudo, visibilização e intervenções – conforme aponta a pesquisa realizada em 2019 e apresentada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) cujos dados revelam que 10% das crianças de 4 e 5 anos e de adolescentes de 15 a 17 anos, residentes nos contextos rurais, estava fora da escola. O cenário é ainda mais preocupante em áreas isoladas ou de alta vulnerabilidade, como os territórios da Amazônia Legal e do Semiárido – onde está situada Barbalha – que, “juntos, abrigam 35,7% das matrículas da Educação Básica em redes públicas no Brasil” (UNICEF, 2021, p. 20).

Dentre os desafios enfrentados por quem reside no campo, destacamos o acesso aos serviços públicos, o que implica diretamente na efetivação de direitos sociais, dos quais destacamos o direito à educação, conforme assegura a Constituição Federal (1988), em seu art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Aos residentes dos territórios rurais brasileiros o direito à educação de qualidade foi constantemente negado, muito embora existam registros de ações educativas, esta população ficou à margem das políticas educacionais. As consequências desta exclusão – histórica e atual – ainda se refletem em altas taxas de analfabetismo, defasagem idade-série, repetências, conteúdo inadequado e cargas horárias inferiores às escolas urbanas (Arroyo, Caldart & Molina, 2011).

Antunes-Rocha (2012, p. 114) aponta uma desqualificação social das pessoas que residem nos contextos rurais, um processo historicamente construído no país, em que “rural em si é considerado como espaço do atraso e da ignorância”. Isso pode ser notado inclusive em alguns espaços escolares em que “a percepção e expectativa dos docentes em relação aos alunos configurava não somente a desqualificação desses últimos como a indicação da escola como ‘espaço para ensinar o caminho da cidade’”.

Nesse contexto, se destaca o movimento de luta pela Educação do Campo, “um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (Caldart, 2012, p. 259). O termo “Educação do Campo” foi cunhado por este movimento a partir da necessidade de romper com as precariedades do modelo da Educação Rural, que não trazia princípios e práticas que vissem o campo como lugar de vida, desenvolvimento e sociabilidade. A luta pela educação no/do/para o campo, que se estende até hoje, partiu das lutas pela transformação do cenário educacional das áreas de Reforma Agrária e se ampliou.

Mais do que por uma educação NO campo, se luta por uma educação DO campo, o que demanda uma diferença nas concepções de política pública, de educação e de formação humana, e que estejam presentes as “questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade.” (Caldart, 2012, p. 259). Está em jogo não somente um projeto de escola, mas de sociedade e de educação, com protagonismo dos povos do campo em uma mudança social a partir da educação pública, gratuita e de qualidade com, dos e para as(os) brasileiras(os).

Crianças e adolescentes vivendo em áreas rurais ainda são as(os) mais afetada(o)s pelo não acesso à escola – seja devido à ausência de escola próxima à casa/ comunidade/ assentamento/ acampamento, à ineficiência do transporte público escolar e/ou uma escola que não lide com as especificidades das populações do campo –, um processo de exclusão social. Iniquidades que, sendo mantidas, representam impactos na vida das crianças, adolescentes, comunidades e da sociedade, de modo geral (UNICEF, 2021).

Preocupa-nos a escolarização das(os) residentes dos contextos rurais, mas entendendo que a educação “compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Assim, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social” (Kolling, Cerioli & Caldart, 2002, p. 19).

Diante desse cenário, a partir da mobilização das comunidades dos distritos do Caldas e do Arajara, foram desenvolvidas ações acadêmicas embasadas na pesquisa participante (Minayo, 2013; Creswell, 2016), vinculadas ao Laboratório de Estudos em Políticas Públicas, Territorialidade e Diferenças – Uné da Universidade Federal do Cariri – UFCA e integradas por meio do eixo Educação em Contextos Rurais do Uné/UFCA.

A pesquisa, ora apresentada, teve por objetivo registrar os desafios e potencialidades da educação para residentes em contextos rurais de Barbalha, na Região do Cariri cearense.

Percorso Metodológico

A construção do documentário fez parte das atividades do Programa de extensão: Pela tela, pela janela: Contribuições para compreensão e registro de desafios e potencialidades do cotidiano escolar para residentes em contextos rurais de Barbalha-CE (04/2023 - 12/2024); do Projeto de pesquisa: Desafios e potencialidades no cotidiano escolar para residentes em contextos rurais de Barbalha-CE (08/2023 - 08/2024) e do Projeto de cultura (Procult/UFCA): O (longo) caminho até a escola: Iniquidades no acesso à educação de residentes em contextos rurais de Barbalha (04/2023 - 12/2023).

Os projetos realizaram a produção e análise dos dados a partir da pesquisa qualitativa, que de dentre as particularidades destacamos - com base em Creswell (2016) - que o ambiente natural é a fonte direta de dados e o(a) pesquisador(a) o principal instrumento e a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, outrossim, o interesse do(a) pesquisador(a) ao estudar um determinado problema é verificar ‘como’ ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

O método qualitativo, conforme apresenta Minayo, Deslandes e Gomes (2025) se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Considera-se, portanto, que o processo de pesquisa se constitui em uma atividade científica básica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade. Assim como vincula pensamento e ação já que nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (Minayo, Deslandes & Gomes, 2025).

Estabelecemos como estratégia de pesquisa do estudo de caso, já que buscamos o entendimento da dinâmica presente dentro de um contexto ou cenário singular, neste caso, os desafios e potencialidades no cotidiano escolar para residentes em contextos rurais de Barbalha/CE. Sobre esta estratégia de pesquisa Gondim, Assis e Siqueira (2005) afirma sua pertinência para construir hipóteses e teorias, por estabelecer como foco o entendimento da dinâmica presente dentro de um contexto ou cenário singular.

Além de uma ampla pesquisa bibliográfica (Lima & Mioto, 2007), utilizou-se enquanto procedimentos metodológicos para a coleta de dados da pesquisa documental (Creswell, 2016) de documentos relacionados à educação enquanto direito. O estudo foi desenvolvido com base nos aportes da pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2003), com a observação participante (Angrosino, 2009) nas comunidades por meio da participação e registro de atividades cotidianas sobre o território estudado e a construção de um vídeo participativo com residentes em contextos rurais barbalhenses, gestores escolares e representantes do poder público municipal.

O desenvolvimento de um documentário pode ser utilizado como ferramenta de pesquisa ao se constituir não apenas como produto, mas como parte do próprio processo investigativo. A produção audiovisual, sobretudo no gênero documentário, é vista como uma modalidade que favorece o registro e a comunicação dos resultados da pesquisa qualitativa, contribuindo para a documentação de informações de maneira rica, sensível e dialógica (Bonin, 2019).

Através do Vídeo Participativo (VP) modalidade em que as pessoas filmadas têm efetiva participação na definição do conteúdo, do estilo, da edição e da distribuição - o documentário torna-se também um instrumento de transformação social e individual (White, 2003). A literatura destaca que o VP não possui uma metodologia fechada: seu caráter é aberto, experimental e adaptável às diferentes realidades pesquisadas (High et al., 2012). A participação ativa dos sujeitos favorece o empoderamento individual e coletivo, fortalece a autoestima e a construção de identidades, ao proporcionar que os participantes se vejam representados e se reconheçam nas imagens produzidas (Zoettl, 2011, 2012).

Os dados foram gerados entre 2023 e 2024 a partir de registros em vídeo (Loizos, 2017), documentando iniciativas e experiências educacionais de pessoas residentes em comunidades rurais do município de Barbalha. O processo envolveu a co-criação de um documentário, com etapas que incluíram encontros com rodas de conversa para reflexão e levantamento de informações, criação de roteiro, gravação, edição, análise de versões pela equipe de co-produtoras(es), legendagem e tradução em Língua brasileira de sinais - Libras, e lançamento da versão final.

Dentre as atividades destacamos a participação em reuniões de associações comunitárias e com o Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar de Barbalha (Gestraf) e a Escola de Saberes de Barbalha (Esba), além da participação em

eventos e acompanhamento das comunidades, presencialmente e via grupos via aplicativo de celular para troca de mensagens.

Para compreensão dos dados utilizamos a análise de imagens em movimento, em quatro etapas conforme proposto por Rose (2017): seleção, transcrição, codificação e tabulação. A utilização simultânea de áudio e vídeo por meio de filmagens em pesquisas qualitativas é uma estratégia metodológica que busca apreender a complexidade do fenômeno investigado ao integrar discursos e imagens como elementos essenciais (Pinheiro, Kakehashi & Angelo, 2005). A análise dos dados seguiu as etapas propostas por Rose (2017) para a análise de imagens em movimento: seleção, transcrição, codificação e tabulação.

Uma peça audiovisual detém um caráter por si só do registro de determinado acontecimento, e um documentário como o proposto, assim como afirma Smit (2022), contribui na transmissão de informações sobre o momento que ele foi produzido sobre o que é mostrado. Ou seja, as personagens, depoimentos, e a temporalidade das imagens presentes na obra são uma parte da memória da comunidade, daquele momento específico em que se passa.

Co-construindo cenas: Resultados e Discussões

Nos parágrafos que se seguem apresentaremos uma síntese sobre a realização da pesquisa-intervenção, enfatizando os resultados e aprendizados obtidos.

Rodas de conversa para reflexão e levantamento de informações

Para convidar as pessoas das comunidades rurais para participar do desenvolvimento de produções escritas e audiovisuais, especialmente sobre os desafios e potencialidades da educação em seus territórios, realizamos contatos prévios com lideranças comunitárias de distintas entidades do município de Barbalha-CE, com as quais já atuamos, pedindo para participar de seus encontros e apresentar a proposta às(aos) suas(seus) integrantes.

Figura 1 - Apresentação do projeto ao Gestraf, Unab, Esba.



Fonte: Registro de Rafael Demarco em junho de 2023.

Os encontros para apresentação das ações foram realizados na Associação do Sítio Riacho do Meio no Distrito Caldas; na União das Associações de Barbalha - Unab, no Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar de Barbalha - Gestraf e na Escola de Saberes de Barbalha - Esba que compartilham o mesmo prédio histórico como sede no centro da cidade; na Associação de Pequenos Produtores do Sítio Solzinho no Distrito Arajara; na Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Coité, Macena, Monte Castelo, Tabuleiro e Teresa no Distrito Arajara; e também na UFCA em Juazeiro do Norte.

Algumas pessoas já manifestaram durante os encontros seu interesse em participar, outras ligaram para o contato informado nos panfletos que deixamos ou mandaram recado pelas lideranças comunitárias, retornamos então para entrevistar diretamente estas pessoas - algumas para construção do documentário, outras para embasar as construções dos textos sobre as associações ou comunidades. Fomos também chamados a colaborar com a organização ou participar de encontros que estavam promovendo ou ainda em atividades propostas por nós.

Criação de roteiro

Tecemos juntas(os) – entre nós e com os grupos que estavam conosco co-construindo estas ações – um planejamento para criação do minidocumentário e dos textos, adequando o cronograma quando necessário, buscando contemplar também o que não estava previsto. Incluindo o que não era diretamente pertinente aos projetos, mas ao que eles também requeriam de nós.

Um ponto que reforçou a experiência de conviver no cotidiano daquelas pessoas foi perceber que o roteiro foi sendo delineado progressivamente a partir dos registros e interações nos encontros comunitários. A cada ida às localidades, os registros feitos iam, pouco a pouco, contribuindo para a construção da peça final. A cada depoimento captado - alguns até sem qualquer planejamento prévio, apenas com o celular na mão ou a câmera ligada - surgiam momentos singulares, impossíveis de replicar ou repetir sem que perdessem sua essência. Foram esses depoimentos, falas e conversas que moldaram o roteiro, e não o contrário. Talvez, em outros casos, o processo inverso funcione bem, mas no nosso, deixar que a escuta e o improviso conduzissem o caminho foi o que deu sentido à narrativa.

Gravação dos depoimentos

Durante a vigência do projeto, realizamos algumas visitas às escolas e discutimos com professores e moradores sobre a realidade enfrentada por estudantes de escolas públicas localizadas no meio rural, particularmente os desafios para matricular-se em escolas de ensino médio, em tempo integral, e se manterem nelas. Para além das questões educacionais, foi possível registrar as escolhas feitas pelas famílias para garantir a permanência dos filhos na escola, considerando a escassez de recursos e a distância das instituições de ensino.

O minidocumentário, não só serviu como um registro visual das dificuldades enfrentadas, mas também destacou as ações e estratégias adotadas pelas comunidades para superar tais obstáculos. A co-construção também se manifestou nas próprias lentes de gravação. Alguns trechos foram registrados de forma simples e util, como na perspectiva de uma estudante ao adentrar o transporte que a levava até a escola. Já outras imagens, como as da escola fechada, foram feitas por uma liderança da própria localidade. Esses registros, para além do conteúdo captado, revelam a sensibilidade e o envolvimento das pessoas no processo, reforçando o caráter participativo do projeto desde a captação até a narrativa construída.

Figura 2 - Edição da primeira versão do produto audiovisual



Fonte: Registro de João Vitor Silva, em novembro de 2023.

A montagem final do produto perpassou algumas mãos. Desde o primeiro corte do documentário contamos com a participação de um Técnico do Laboratório de Telejornalismo do Instituto, Allison José Soares Gomes. Durante dois dias seguidos, co-editamos o produto que num primeiro momento resultou em uma peça que focava nos aspectos das dificuldades de se morar em contextos rurais. Apontadas as considerações acerca deste aspecto pelas pessoas que co-construíram o filme, um novo corte foi realizado.

A primeira versão, com pouco mais de oito minutos, deu lugar para a mais recente, com quinze minutos, que esta sim, passou a apresentar não só ônus, como também os caminhos e estratégias para alcançar os diferenciais positivos dessas experiências educativas.

O processo de edição foi realizado em dois programas de edição de vídeos: Adobe Premiere Pro e CapCut. A parte bruta do filme foi toda montada no primeiro programa. O segundo, foi utilizado para ajustes posteriores ao trabalho do Allison. Até a versão final algumas exibições internas foram realizadas e mais três para com a equipe de co-construtores - as personagens da história. A partir dos apontamentos acolhidos nestes momentos, as edições de meio passaram a ser feitas no CapCut, e por nossa própria equipe interna. Dentre

os ajustes feitos a inclusão de imagens de apoio e ajustes finos na fala de alguns personagens foram realizadas a fim de fidelizar ainda mais o documentário.

Análise de versões pela equipe de co-produtoras(es)

A primeira versão do documentário foi apresentada no dia 16 de dezembro de 2023 na Escola de Saberes de Barbalha (Esba) contando com a presença das pessoas que contribuíram com a elaboração do minidocumentário.

Figura 3 - Exibição do primeiro corte do minidocumentário



Fonte: Registro de Laís Leite em agosto de 2024.

Na exibição que fizemos para o grupo geral e internamente pontuou-se sobre a qualidade e pertinência do minidocumentário, mas avaliamos que carecia de mais cenas sobre as potencialidades da educação em contextos rurais. A versão atualizada foi apresentada aos co-construtores do minidocumentário em agosto de 2024, recebendo novas contribuições para a versão final.

Figura 4 - Exibição do segundo corte do minidocumentário na Esba



Fonte: Registro de Laís Leite em agosto de 2024.

A difusão dos resultados foi um aspecto fundamental do projeto. Um grande exemplo disso foram as exibições dos cortes do minidocumentário realizadas em diferentes momentos. Essas exibições foram seguidas de rodas de diálogo, nas quais as participantes – professoras(es), produtoras e produtores rurais, poetas, jornalistas, pesquisadoras(es), estudantes, protagonistas do filme – tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões, considerações e contribuir com reflexões sobre o conteúdo apresentado.

Esse processo de co-participação foi uma das maiores riquezas do projeto, o seu diferencial, pois permitiu que os resultados da pesquisa fossem enriquecidos pelas perspectivas de todas as pessoas envolvidas, promovendo uma reflexão crítica e colaborativa sobre a realidade das comunidades rurais.

Legendagem e Tradução em Libras

O processo de acessibilidade, desde a concepção do documentário, foi uma prioridade para nós. Para concretização, contamos com o apoio da Ana Maria Fernandes Pereira e David Nascimento de Araújo da Divisão de Serviços Acessíveis Secretaria de Acessibilidade (Seace/UFCA), para a tradução em Libras. Durante o mês de setembro de 2024 os dois se debruçaram nesta tarefa e após realizada, nossa equipe iniciou o processo de legendagem, esta, realizada via programa CapCut.

Mayara Barreto e Kelly Araújo, ambas atuantes na área de legendagem e audiodescrição, contribuíram valiosamente – formalizar citação na etapa de revisão das legendas e deram algumas considerações. Uma delas foi acerca da transcrição de falas tal qual como foi oralizada, que na perspectiva de acessibilizar o filme, a escrita gramaticalmente correta das palavras seria o indicado, uma vez que a transcrição literal do que foi dito poderia não ser compreendida por todas as pessoas. Um exemplo disso foi em um trecho que uma personagem se refere a uma cartilha de abecedário, na fala literal ela se referiu ao objeto como “quartinha” e não “cartilha”, como gramaticalmente seria o correto.

Esse apontamento apresentado nos levantou a questão de se a legendagem de uma palavra ou termo dito, escrito nos parâmetros da língua portuguesa não significa um apagamento dos modos de expressão das personagens. Porém, ao refletirmos no cerne da consideração apresentada pela Mayara e Kelly, percebemos que sim, se o objetivo era de fato tornar acessível era também necessário que quem acompanhasse via legenda compreendesse a mensagem enunciada. Mais tarde, após os devidos ajustes, contamos com Simone Simão Silva para revisão final das legendas.

Lançamento da versão final

O nosso documentário “O Longo Caminho Até...” foi apresentado em sua versão final no evento de encerramento dos projetos do Eixo Educação em Contextos Rurais, em 21 de fevereiro de 2025, o evento contou com a presença de algumas das pessoas que ajudaram a construir essa história e que fazem parte desse filme.

Além da relevância local, o projeto teve um impacto significativo, um retrato disso foram as parcerias com instituições como a Esba, e do poder público local, com destaque para a Secretaria de Desenvolvimento Agrário e a Gerência de Economia Solidária de Barbalha fortaleceram o “intercâmbio” com as comunidades locais. Também participamos de seminários e eventos para discutir a história do município, o que possibilitou a ampliação do entendimento sobre o contexto rural e a importância da educação como fator de transformação social.

Em termos de inovação, o projeto se destacou por sua abordagem multidisciplinar e pela utilização de recursos audiovisuais como ferramenta de pesquisa e divulgação. O minidocumentário, em particular, foi uma forma inovadora de dar visibilidade à realidade dos moradores das áreas rurais de Barbalha, destacando suas potencialidades e superações, ao invés de focar apenas nas dificuldades.

Em síntese, o projeto não apenas contribuiu para o avanço do conhecimento na área da educação em contextos rurais, mas também promoveu a transferência de conhecimento para as comunidades, gerou inovações metodológicas e ajudou na formação de recursos humanos comprometidos com a transformação social. Ao envolver as comunidades nas etapas de pesquisa e divulgação, e ao trabalhar em parceria com instituições públicas e locais, o projeto demonstrou a importância de uma pesquisa colaborativa, capaz de gerar impactos reais e positivos na vida das pessoas.

Analisamos que, historicamente, a educação rural foi negligenciada, sendo marginalizada tanto em termos de políticas públicas quanto de pesquisa acadêmica. Conforme aponta Caldart (2004), essa exclusão reflete um horizonte político e educacional limitado, que desvaloriza as necessidades educativas dos povos do campo, associando a vida rural a uma perspectiva de trabalho braçal, sem necessidade de instrução formal. A visão de que “para mexer com a enxada ou cuidar do gado não são necessárias nem letras nem competências” exemplifica essa marginalização. Destaca-se entre os documentos legislativos sobre a questão, a Lei nº 11.700 (2008), estabelece a obrigatoriedade de garantir vagas em escolas públicas próximas para estudantes da educação infantil e do ensino fundamental a partir dos quatro anos de idade.

A lei deveria atender uma lacuna na garantia do direito à educação aos(as) residentes nos ambientes rurais brasileiros, o que foi constantemente negado/ignorado, esta população. As consequências desta exclusão – que é histórica e se mantém atual – se refletem em altas taxas de analfabetismo, defasagem idade-série, repetências, conteúdo inadequados e carga horárias inferiores às escolas urbanas, eliminando qualquer possibilidade de uma formação integral para esses sujeitos (Arroyo, Caldart & Molina, 2011).

Em relações específicas com o minidocumentário, o trajeto percorrido para a criação de “O longo caminho até...” foi enriquecido pela colaboração ativa das(os) participantes, resultando em uma peça que vai além da produção audiovisual; ela se transformou em um registro vivo e atual de uma realidade complexa e em constante transformação. Essa co-construção confere ao documentário o caráter de uma documentação audiovisual completa.

De acordo com Tomain (2016) o “documentário de memória” utiliza o testemunho não apenas como evidência de um passado distante, mas como uma vivência que se perpetua e se atualiza na narrativa, tornando-se uma ponte entre passado e presente. Nessa perspectiva, o produto, enquanto registro da pesquisa, surge como um meio de preservar eventos por meio de imagens e sons, armazenando as memórias das pessoas envolvidas.

Cada depoimento oferece uma visão rica e ampla das realidades do acesso à educação nas zonas rurais, evidenciando como a arte, ao se comprometer politicamente com a memória, também assume uma postura ética no presente. Mesmo quando certas recordações podem ser dolorosas, a necessidade de documentar a realidade das comunidades se mantém essencial.

Durante as exibições para as próprias comunidades, promovidas como um espaço de escuta e devolutiva, emergiram ecos das histórias narradas. Em cada sessão, muitos dos depoimentos registrados no filme ressoavam nas falas das(os) espectadoras(es), revelando uma convergência entre o que está na tela e as memórias e experiências compartilhadas pelas(os) interlocutoras(es) presentes. As histórias se repetem, especialmente as de abandono escolar, e, nessa interação entre registro e realidade, surgiram sugestões valiosas para aprimorar o documentário.

Uma dessas sugestões foi o foco não só nos desafios, mas também nas soluções que as próprias lideranças comunitárias têm buscado para contornar as dificuldades educacionais. A exibição revelou exemplos inspiradores de escolas rurais que oferecem modelos aplicáveis a outras regiões, mostrando a persistência e a luta das comunidades pela continuidade das escolas em suas comunidades. Essas devolutivas destacaram também as potencialidades de uma educação que valoriza o vínculo com o campo, fortalecendo o pertencimento das(os) estudantes e contribuindo para o desenvolvimento social dos territórios rurais.

Considerações Finais

A partir de algumas interlocuções e aproximações com essas comunidades, foi possível observar, além dos desafios cotidianos, as articulações necessárias para garantir a sobrevivência e o acesso a serviços públicos essenciais, como programas de assistência social, incentivos governamentais e editais de fomento voltados ao apoio à produção rural e a essas comunidades.

A interação entre a universidade e seu contexto é essencial para alcançar a melhoria da vida e das condições de acesso a direitos de sujeitos nos seus territórios. Este artigo é um registro das atividades de ações acadêmicas desenvolvidas por um grupo de uma universidade pública brasileira em uma região que não é capital de um estado e isso deve ser levado em consideração para avaliar a potencialidade de projetos de pesquisa, extensão e cultura para a transformação de/com/para a educação do campo.

Sobre o documentário, cabe ressaltar que após a inclusão de mecanismos para acessibilidade com a legendagem e caixa de Libras, está disponível no Canal do Uné no YouTubeⁱ. Buscamos uma (co)construção para que fosse possível uma maior proximidade com as comunidades e como elas de fato desejavam se ver representadas. Assim, com base em Guindani e Engelmann (2012), uma comunicação contra hegemônica, é constituída de ações plurais, que não obedecessem às normas de um passo a passo para produção de uma peça - neste caso audiovisual -, como também valoriza a participação de sujeitas(as) dos contextos históricos vivenciados diversificados, as(os) que utilizam protagonizam estratégias e discursos que lhes são mais possíveis ou apropriados.

A devolutiva positiva dos participantes é um dos principais resultados obtidos: ao verem suas histórias e vozes representadas com fidelidade, sentem-se vistos e valorizados, o que reforça a legitimidade e o impacto do projeto. Esse processo de representação não só deu visibilidade aos desafios vividos, mas também fortaleceu o vínculo das(os) moradoras(es) com sua própria história e cultura, dando ao documentário um significado profundo para as comunidades envolvidas.

Dentre as lacunas que o documentário deixa para futuras investigações, estão questões cruciais para o fortalecimento da educação em contextos rurais. Primeiramente, há um grande potencial para aprofundar as relações entre as associações comunitárias e o poder público, entendendo de que maneira as parcerias podem fortalecer e manter as escolas rurais e ampliar o acesso a oportunidades educacionais. Outra questão relevante é o estudo sobre assistência estudantil específica para zonas rurais, buscando estratégias que amenizem as dificuldades de acesso, permanência e incentivo ao estudo para as(os) jovens das áreas rurais. Além disso, o documentário abre margem para discussões sobre o enfraquecimento do senso de comunidade, um fenômeno que pode se intensificar com o deslocamento de estudantes para áreas urbanas e a diminuição de espaços coletivos, como as escolas rurais, que antes eram pontos centrais de interação e identidade comunitária.

Entre os aprendizados mais significativos, destacamos a importância do pertencimento ao território. A cada depoimento, as pessoas demonstraram uma compreensão profunda sobre o quanto potente seu lugar de origem é e como saberes valiosos podem ser perdidos com o afastamento das escolas rurais. Essa conexão com o território revela o papel essencial que a educação desempenha na preservação cultural, mostrando que a continuidade desses saberes depende de uma educação que esteja em sintonia com o contexto e as tradições locais.

O documentário, produzido de forma participativa pode dar visibilidade a agendas sociais e políticas de grupos historicamente marginalizados, contribuindo para sua inserção mais ativa em processos de mudança social (Silva, 2014). Analisar o processo de produção do documentário - e não apenas o produto - amplia a compreensão das metodologias participativas e incentiva a realização de novas produções voltadas ao fortalecimento de comunidades. Dessa forma, o documentário, enquanto ferramenta de pesquisa, cumpre um papel duplo: documenta os fenômenos sociais e, simultaneamente, atua sobre eles, promovendo comunicação, reflexão, autorreflexão e mobilização social.

Entendemos assim, que a produção audiovisual cumpre seu propósito ao documentar e refletir sobre as complexidades da educação em áreas rurais, contribuindo para a construção de um conhecimento que é tanto local quanto universal. Mais do que uma peça audiovisual, ele é uma convocação para um olhar renovado sobre a educação em contextos rurais, uma que respeite as raízes e valorize os saberes locais, propondo caminhos que, no futuro, possam levar a uma transformação positiva.

Referências

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- Antunes-Rocha, M. I. (2012). *Da cor de terra: Representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Arroyo, M. G., Caldart, R. S., & Molina, M. C. (Orgs.). (2011). *Por uma Educação do Campo* (5a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bonin, P. H. P. (2019). *Produção audiovisual em pesquisa qualitativa: uma referência na obra de Eduardo Coutinho* (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Propaganda e Publicidade). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211950>.
- Caldart, R. S. (2012). Educação do campo. In R. S. Caldart, I. B. Pereira, P. Alentejano & G. Frigotto. (Orgs.), *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 257-265). Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular.
- Constituição da República Federativa do Brasil*. (1988, 5 de outubro). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- Creswell, J. W. (2016). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.

Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF. (2021). *Cenário da exclusão escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação*. Recuperado de <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>.

Gondim, S. M. G., Assis, M. P., & Siqueira, M. M. M. (2005). Da descrição do caso à construção da teoria ou da teoria à exemplificação do caso? Uma das encruzilhadas da produção do conhecimento em administração e áreas afins. *Organizações e Sociedade*, 12(35), 47-69.

Guindani, J. F., & Engelmann, S. (2012). A comunicação popular e alternativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: História e contexto de uma luta contra-hegemônica (MST). *Revista Brasileira de História da Mídia*, 1(1).

High, C., Singh, N., Petheram, L., & Nemes, G. (2012). Defining participatory video from practice. In E.-J. Milne, C. Mitchell, & N. Lange (Eds.), *Handbook of participatory video* (pp. 35-48). Lanham: AltaMira Press.

Kolling, E. J., Cerioli, P. R., & Caldart, R. S. (2002). *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo.

Lei nº 11.700. (2008, 13 de junho). Dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Apoio à Inclusão Escolar de Alunos com Deficiência – Programa Escola Acessível. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11700.htm.

Lima, T. C., & Mioto, R. C. T. (2007). Processos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(spe), 37-45.

Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (2a ed., pp. 137-155). Petrópolis: Vozes.

Pinheiro, E. M., Kakehashi, T. Y., & Ângelo, M. (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 717-722.

Rocha, M. L. da., & Aguiar, K. F. de. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64–73. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>.

Rose, D. (2002). Análise de imagens em movimento. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 343–364). Petrópolis, RJ: Vozes.

Silva, A. L. A. (2014). *Processos participativos na produção audiovisual: o caso do vídeo Mulheres Mangabeiras, de Sergipe* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

Smit, J. W. (2022). Qual memória o audiovisual preserva? In M. P. Manini, E. B. Oliveira & A. L. A. Gomes (Orgs.), *Imagem, informação e memória* (pp. 43–52). Marília, SP: Oficina Universitária.

Streck, D. R. (2006). Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In C. R. Brandão & D. R. Streck (Orgs.), *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Tomain, C. dos S. (2016). O documentário como “mídia de memória”: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 43(45), 96–114.

Walsh, S. (2012). Challenging knowledge production with Participatory Video. In E.-J. Milne, C. Mitchell, & N. Lange (Eds.), *Handbook of participatory video* (pp. 208–222). Lanham: AltaMira Press.

Waugh, T., Baker, M. B., & Winton, E. (2010). *Challenge for Change: Activist documentary at the National Film Board*. Montreal: McGill-Queens University Press.

White, S. A. (2003). *Participatory video: images that transform and empower*. Londres: Sage Publications.

Zoettl, P. A. (2011). O “vídeo participativo” como meio de reflexão e autorreflexão sobre imagem e identidade. *Espaço Ameríndio*, 5(3), 143-159. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/18971/14579>.

Zoettl, P. A. (2012). Images of culture: Participatory video, identity and empowerment. *International Journal of Cultural Studies*, 16(2), 209–224. <https://doi.org/10.1177/1367877912452484>.

ⁱ <https://www.youtube.com/watch?v=WTjKI6n6yD4>.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 27/04/2025

Aprovado em: 03/10/2025

Publicado em: 17/12/2025

Received on April 27th, 2025

Accepted on October 03th, 2025

Published on December, 17th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.
Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Leite, M. L. S., Silva, J. V., Ribeiro, L. P., Sousa, P. C., & Barros, G. E. G. (2025). "O longo caminho até...": uma pesquisa audiovisual participativa do cotidiano escolar do campo em Barbalha, Ceará. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e19813.